

Raízes que florescem com água e esperança

Luciene Alves da Silva, 37 anos, vive no Sítio Mandim, em São José do Egito, no Sertão do Pajeú (PE). Agricultora desde que nasceu, ela costuma brincar que seu primeiro contato com a terra foi ainda no dia em que veio ao mundo. “Eu costumo dizer que sou agricultora desde que nasci, porque até para nascer foi no sítio”, conta, sorrindo.

Filha de agricultores, Luciene cresceu ajudando os pais nas atividades do campo. Mesmo quando seguiu outro caminho e se formou em licenciatura em Matemática, a terra nunca deixou de fazer parte da sua vida. Ela chegou a trabalhar por quatro anos como professora, mas percebeu que seu coração estava mesmo no roçado. “Eu gosto de lidar com gente, mas gosto mais ainda de mexer com a terra”, afirma.

Hoje, Luciene cultiva um pouco de tudo: coentro, cebolinha, alface, couve, pimentas e diversas frutas. Tem uma paixão especial pelos cítricos — limão e laranja estão entre seus favoritos. Além da horta, ela e a família criam porcos, galinhas, ovelhas e gado.

No sítio, o trabalho é coletivo: marido, filhas e filho participam de tudo. “Aqui não tem divisão certinha. Todo mundo sabe o que precisa fazer. Um está na horta, outro cuidando nos animais, e assim a gente vai tocando o dia”, explica.

A CHEGADA DA CISTERNA

Em 2024, a vida de Luciene ganhou um novo capítulo com a chegada da cisterna calçadão de 52 mil litros, construída pela Diaconia por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da ASA – Articulação do Semiárido Brasileiro, com o apoio do Governo Federal. A tecnologia social permite captar a água da chuva por meio de um calçadão de cimento e armazená-la em uma cisterna de 52 mil litros.

Para quem vive no Semiárido, armazenar água da chuva significa muito mais do que um reservatório cheio — significa segurança, produção e esperança. “A primeira transformação foi não ver mais tudo que eu plantava morrer com o tempo”, lembra.

Antes da cisterna, a água vinha de um poço comunitário, e cada família tinha um tempo limitado para utilizá-la. Isso dificultava muito manter as plantas vivas durante os períodos mais secos



“Muitas vezes, as plantas morriam porque a gente não tinha como armazenar água. Agora, mesmo quando a chuva não é muita, a gente consegue guardar água e usar quando precisa”, explica.

Com a cisterna, Luciene passou a irrigar a horta, abastecer os animais e manter suas plantas saudáveis por mais tempo. “Quando chegava um certo tempo sem chuva, tudo morria e eu perdia a plantação. Hoje não. A gente consegue guardar água e cuidar das plantas”, conta.

Além de fortalecer a produção, a cisterna também mudou a forma como Luciene enxerga o próprio trabalho. Nas formações e encontros que participou, como parte das ações do Programa, ela aprendeu algo que hoje guia sua rotina no sítio:

“Primeiro eu alimento minha família. Depois, se tiver mais, compartilho com a vizinhança. E só depois é que vendo”, explica.



Quando sobra produção, ela vende para pessoas da comunidade ou de povoados próximos. Muitas vendas acontecem de forma simples, pelo celular ou por indicação entre vizinhos/as. “Às vezes eu vendo dez ou quinze molhos de coentro. Pode ser baratinho, mas já ajuda muito”, conta.

Há também outro benefício importante: aquilo que antes precisava comprar agora sai direto do quintal. “Só de eu não precisar comprar já é um dinheiro que fica no bolso.”

Para Luciene, a agricultura vai muito além de trabalho ou renda. É identidade, memória e pertencimento. “Agricultura é tudo na minha vida. Eu não me vejo morando fora daqui nem fazendo outra coisa hoje”, afirma.

Ela também sonha que seus/suas filhos/as levem esse sentimento adiante. “Eu quero que eles/as nunca sintam vergonha de ser do sítio, de ser agricultor ou agricultora. Que conheçam o mundo, mas saibam onde estão as raízes.”

Ao olhar para trás, Luciene percebe que a cisterna trouxe muito mais do que água para o quintal: trouxe aprendizado, confiança e novas possibilidades.



“A cisterna chega para transformar o quintal, mas transforma a vida da gente também”, diz.

Hoje, entre hortas, sementes trocadas com vizinhos/as e o trabalho compartilhado pela família, ela segue cultivando muito mais do que alimentos. Cultiva sonhos. “Enquanto a gente estiver sonhando, está dando certo”, conclui.